



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PEDAGOGIA

JULIA LASKA FERREIRA

SEXUALIDADE INFANTIL NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Albernaz de Medeiros
Rio de Janeiro, 2013

JULIA LASKA FERREIRA

SEXUALIDADE INFANTIL NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Sandra Albernaz de Medeiros

Rio de Janeiro, 2013

JULIA LASKA FERREIRA

SEXUALIDADE INFANTIL NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra Albernaz de Medeiros

Prof.^a Dr.^a Claudia Miranda

DEDICATÓRIA

À minha mãe (*in memoriam*) e ao meu pai, que sempre me incentivaram e me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora Prof.^a Dra. Sandra Albernaz de Medeiros, por ter me ajudado, ensinado e orientado muito nesse último ano de monografia e durante suas aulas de psicologia. Você é um exemplo de docente!

Gostaria de agradecer também, a minha querida professora Claudia Miranda, que durante suas aulas de metodologia, auxiliou-me na descoberta do meu tema de monografia, o que me ajudou imensamente, pois fez com que eu pesquisasse ainda mais sobre a área que me interessa e me deu um norte fundamental para uma bela finalização do meu curso de graduação. Muito obrigada!

À minha mãe (*in memoriam*), Dayse, que durante quase 16 anos da minha vida, me ensinou, me incentivou, me direcionou, me protegeu e amou. Mãe, obrigada por tudo que me ensinou: a ter equilíbrio, paciência, a ser forte, madura e sempre correr atrás dos meus sonhos. Senti imensa falta de saber sobre seus conhecimentos e opiniões de psicologia durante minha monografia; mas sei e sinto que você está comigo sempre. Te amo!

Ao meu pai, Carlos, obrigada por ser esse “pãe”. Você é o melhor pai do mundo! Ninguém desempenharia tão bem esse papel de pai e mãe. Obrigada por sua força e equilíbrio durante nossas horas difíceis. Obrigada pelo apoio na escolha da carreira e por sonhar e acreditar junto comigo. Obrigada por me buscar e me levar na faculdade sempre que eu pedia, sem hesitar, mesmo sendo muito, muito, muito distante. Enfim, Obrigada por todo apoio, confiança, proteção e amor! Te amo!

Obrigada ao meu irmãozinho, meu amigo e companheiro, Lucas! Mais do que obrigada, desculpa por toda exploração, todo “pega matte pra mim?”, “vê se meu trabalho ficou bom?” e “me empresta seu computador?”, rs. Melhor irmão do mundo, tenho muito orgulho de você! Continue sendo essa pessoa incrível! Amo você!

À minha família: meus avôs, que sempre me cuidaram e ensinaram, Manha, Eliaz (*in memoriam*), Manuel e Darcy; aos meus tios, tias, que perto ou longe são muito importantes para mim, Leila, Gerson, Simone, Renato, Francis, Glória, Cláudio, Eduardo e Nádia; e aos meus primos, que são irmãos e amigos para sempre, Renata, Flávia, Mariana, Vitor, Fábio, Ricardo, Guilherme, Henriques, Mariana, Maria Eduarda, Nívea, Beatriz e Luiza, e aos pequenos Hannah, Nathan e Manoela. Sinto-me abençoada de ter uma família tão maravilhosa. Vocês são sensacionais, inigualáveis e essenciais na minha vida, para sempre.

Aos meus amigos de toda vida, que estiveram presentes em muitos momentos importantes: Renata, Thaise, Fernanda e Eduardo. Vocês são os melhores!

Ao meu namorado, Daniel, meu amigo, meu companheiro, meu protetor, às vezes, pai, às vezes, filho. Aprendi muito com você, obrigada por estar em minha vida e por me ensinar a ser uma pessoa melhor a cada dia que passa. Você é meu príncipe, ou talvez, o anti-herói. Foi durante essa graduação que te conheci e você tem espacinho garantido no meu agradecimento. Love you.

À minha sogra, Rina, por ter me ajudado durante a faculdade e à toda família por ter me recebido de braços abertos.

E por último, mas não menos importante, aos meus amigos de faculdade, amigos que levarei para vida, sem vocês, NADA disso seria possível:

Bruna: começou como minha dupla, virou amiga, melhor amiga, cunhada e irmã. Você é um presente que faculdade me deu. Obrigada por ser minha cunhada e por ter apresentado uma das pessoas mais importantes da minha vida. Obrigada pelas caronas, pelos incontáveis momentos inesquecíveis, pelos conselhos, por cuidar de mim e ser essa pessoa maravilhosa!

Lorraine: amiga, confidente, palhaça, fofa, meiga, minha princesinha da Disney! “Que fofinha, eu vou morrer!”. Você é a nossa mascote, a nossa Lolo que cresceu e se tornou essa mulher madura e linda! Orgulho da professora de inglês mais *cute* do mundo! Venha morar na Tijuca, pertinho de nós!

José Mauro: aquele que me ajudou e me ensinou muito durante a faculdade. Você sempre cuidou de todas nós e nos socorreu nos momentos mais confusos, sempre com muita paciência, calma e carinho, nos explicando cada trabalhinho complicado. Obrigada, parabéns pelo mestrado e muita sorte na sua carreira!

Amanda: nossa noivinha! Obrigada por toda ajuda e apoio na monografia e durante a faculdade! Você é um anjo! Conte sempre conosco para os preparativos e não deixe de nos encontrar, sempre!

Yasmin: obrigada por todas os jogos de buraco, diversões no msn, caronas, conselhos, saídas e as melhores piadas do nosso curso! Quer biscoito, Yasmin? Nossa melhor jornalista – ainda dá tempo de investir!

RESUMO

Inúmeras experiências do nosso dia-a-dia nos mostram como ainda existem tabus e preconceitos relacionados à sexualidade no contexto sócio-político-cultural atual. Estes, são advindos não só de pessoas sem acesso à informação, mas também de alguns que deveriam lutar pela igualdade: os docentes e futuros docentes. E no que tange esta temática, há ainda profissionais da educação mal preparados para lidar com as situações mais adversas. A partir desta problemática, e com base nos estudos de Freud, esta monografia visou analisar os discursos e atitudes de professores e funcionários de uma escola de educação infantil de um bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: contexto escolar; educação infantil; sexualidade; temas transversais.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	9
2 INTRODUÇÃO.....	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4 METODOLOGIA.....	18
4.1 Objetivos Gerais	18
4.2 Objetivos Específicos	18
4.3 Investigação Etnográfica.....	18
4.3.1 A escola	18
4.3.2 A etnografia.....	20
5 ANÁLISE FINAL	24
REFERÊNCIAS	26
ANEXO 1	28
ANEXO 2	31

1 APRESENTAÇÃO

Durante minha época de escola, pude perceber que o tema da sexualidade não era muito explorado e pouco éramos orientados pelos professores/psicólogos/pedagogos do colégio e via a grande dificuldade de alguns em lidar com situações relacionadas a esta temática. Vejo que nos dias atuais da sociedade em que vivemos isso não mudou, ainda há um grande tabu acerca do tema, e falta um diálogo franco sobre a sexualidade; isso faz com que esses educandos não sejam bem preparados para a sua vida adulta.

Durante o curso de graduação em pedagogia, também vivenciei algumas situações, onde percebi muitos graduandos, alguns ainda no começo do curso e outros prestes a entregar sua monografia, com vergonha e pudor para falar sobre questões relacionadas à sexualidade. E isso me levou a pensar: se muitos pedagogos e professores possuem essa dificuldade de diálogo acerca do tema, como podemos esperar que seus alunos sejam bem esclarecidos e direcionados em relação à sua afetividade/sexualidade?

Essa falta de diálogo pode ser prejudicial para o aluno de diversas maneiras. Em relação ao conhecimento, sabemos que hoje em dia é fácil de conseguir informações em diversas mídias tecnológicas, especialmente na internet, ou ainda com amigos, conhecidos ou familiares; mas tais informações nem sempre estão corretas ou completas; e outras vezes não são ensinadas e explicadas de uma forma didática e que realmente se faça entender. Alguns estudantes, os que não têm acesso, ou que possuem família que “preferem não tocar no assunto”, acabam sabendo muito pouco ou nada.

O conhecimento sobre a sexualidade no geral e alguns temas específicos como: masturbação, homossexualidade, gravidez, DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), preservativos, métodos anticoncepcionais, abusos sexuais, pedofilia, etc., são fundamentais para esses pré-adolescentes/adolescentes tomarem decisões mais responsáveis, podendo se prevenir de sérias consequências de atos relacionados à sua sexualidade, pois em breve estarão entrando na vida adulta e começando sua vida sexual.

Mas para que exista efetivamente essa responsabilidade e consciência nestes futuros adolescentes, é necessário que a toda e qualquer temática relacionada à sexualidade sejam tratadas naturalmente desde a infância, sem tabus e preconceitos, tanto no âmbito escolar, como também fora desse espaço de aprendizagem.

Além disso, penso que a escola não deve passar essa responsabilidade para a família, nem vice-versa; elas precisam se complementar na educação, e na educação sexual, do aluno; e para isto, devem estar preparados para lidar com as mais diversas situações.

Também devem ter consciência de que, no caso dos alunos de ensino fundamental, uma palestra, uma atividade ou uma aula por ano, ou a cada dois anos (como acontecia em minha escola) sobre sexualidade, ou apenas o ensino da anatomia e fisiologia do corpo humano em ciências, não é a melhor forma de ensinar este aluno.

Além da falta de informação, um grande problema abordado em minha monografia é a questão da sexualidade. Sabemos que Freud (1856-1939) em seus estudos afirmou a existência de uma sexualidade infantil e apesar disso, há algumas pessoas que se recusam a acreditar neste tipo de sexualidade, lidando com descaso ou erroneamente com algumas situações referentes. Ou seja, as pessoas que não aceitam essa sexualidade, tolhem e proíbem as crianças de seus impulsos.

Em contra partida existem ainda os que “hipersexualizam” as crianças, estimulando a sexualidade, como por exemplo: meninas de 2 (dois) anos usando sutiãs e incentivo a namoros e beijos entre as crianças. Os dois extremos poderão causar problemas futuros para essas crianças.

A questão de gênero também é de extrema importância e deve ser abordada desde a infância como algo natural e que, apesar da opinião de cada um, devemos sempre respeitar o próximo.

Como consequência desses tabus e preconceitos desde a infância, de não saber como lidar e da falta de explicação e orientação sobre o tema, tanto da família, como da escola, vemos a gravidez na adolescência, violência contra homossexuais, crimes sexuais (como assédio, prostituição e pedofilia), crianças e adolescentes com DSTs e até AIDS (ou SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e muitas perdendo a virgindade antes dos 15, entre outros problemas acerca da afetividade e sexualidade. O sexo está sendo banalizado e a escola precisa interferir e ajudar; já que é um espaço de importância, onde os alunos passam grande parte de sua vida e adquirem diversos conhecimentos.

Tais problemas que tangem a temática da sexualidade serão discutidos em minha monografia, partindo de uma pesquisa etnográfica realizada em uma creche do bairro da Tijuca, no município do Rio de Janeiro, onde entrevistei uma professora da turma de Pré 1 e as 2 (duas) diretoras e tive algumas conversas e reuniões com a coordenadora pedagógica e com a psicóloga. Também pude observar alunos na faixa etária de 3 (três) anos, 3 (três) vezes

por semanas, durante 3 (três) semanas, tanto em sala de aula, como nos intervalos e horários de refeição.

Em minha pesquisa de campo, verifiquei sobre: 1) como essa escola de educação infantil está agindo perante o tema nos dias atuais?; e se: 2) os professores e funcionários estão devidamente preparados para dialogar abertamente sobre o tema para com as crianças e lidar com as mais adversas situações?.

2 INTRODUÇÃO

O atual panorama da nossa sociedade tem despertado o debate de diversas questões. O acesso à informação, decorrente da grande modernização e evolução dos meios de comunicação, proporcionam a qualquer um que tenha um computador com acesso à internet, um rápido panorama das questões importantes de âmbito mundial.

No Brasil, uma das questões que recentemente veio à tona, por exemplo, foi a das novas famílias que estão se configurando, bem como a reivindicação dos homossexuais acerca de seus direitos básicos e ainda mais recentemente, as pesquisas sobre pessoas assexuais, que são indiferentes à prática sexual e não possuem a atração sexual por nenhum gênero. Tais movimentos trouxeram recentemente à escola, a polêmica da discussão acerca da sexualidade e de gênero.

Uma das funções primordiais da escola é apresentar ao educando conhecimento sobre variados temas, mas também as diversas situações que estão presentes no meio social em que está inserido, independentemente da distância que o aluno tem deste meio; este, deve formar sua opinião a partir de conteúdos confiáveis, algo que a escola pode e deve proporcionar, para que ele não busque tais informações em lugares não tão confiáveis, como a internet.

Segundo a teoria psicanalítica freudiana, todos nós, seres humanos, possuímos pulsões inatas: as pulsões sexuais e as pulsões de morte, até mesmo as crianças. Freud (1905) afirma que a educação tem grande importância no condicionamento dessas pulsões, onde essas energias precisam ser direcionadas para outras atividades. E se a educação tem grande importância, a educação infantil é ainda mais importante, pois trabalha e educa as crianças de 0 a 6 anos, ou seja, nos primeiros anos de vida, que são os mais importantes no desenvolvimento do ser humano.

Nesse sentido, questiona-se como a escola pode, mediante as demandas da sociedade brasileira, trabalhar da melhor maneira sobre os conteúdos acerca da sexualidade, dialogando abertamente com seus alunos e tratando naturalmente as questões referentes, com um objetivo maior do que apenas passar esses conhecimentos ao educando, mas também de ensiná-lo que a sexualidade é algo inato e natural, bem como todos os pontos relacionados a ela; para que ele forme sua opinião e personalidade desde sua infância, a partir destes ensinamentos seguros e livres de preconceito, para que no futuro, possa tomar atitudes pensadas, bem fundamentadas em relação não só à sexualidade, mas às mais diversas temáticas.

3 JUSTIFICATIVA

As primeiras inquietações sobre a educação sexual “de crianças e jovens no Brasil, sempre em nome do dispositivo da sexualidade, tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX” (CÉSAR, 2010, pg. 5). Apesar disto, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a discussão sobre a inclusão desta temática no currículo escolar de ensinos fundamental e médio só começou a se intensificar durante a década de 70, muito possivelmente “em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade [...] mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino.” (PCN, 1997, pg. 291).

Apesar de muito tempo de discussão e pouca iniciativa, os Parâmetros apoiam essa inclusão da Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, já que afirmam que a sexualidade é algo inerente à vida e à saúde, sendo expressa por todo ser humano durante sua vida, relacionando-se com o direito ao prazer e ao seu exercício com responsabilidade.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1975, a sexualidade “forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo”. (OMS, 1975, apud PCN, 1997, pg. 295), dessa forma, é de fundamental importância que a escola trabalhe tal questão, visto que o ambiente escolar é o primeiro ambiente social com o qual o sujeito tem contato, depois da família.

A Orientação Sexual deve ser discutida, então, dentro da escola e não só em casa, com os pais e responsáveis. Hoje em dia, a criança recebe essas noções, em sua maior parte, da família, no espaço privado, indiferentemente se possui pais conservadores, liberais ou progressistas, religiosos ou não. Os valores da família são passados às crianças, que individualmente construirão sua opinião e expressarão suas sexualidades.

A mídia também possui papel importante, pois ajuda a moldar os conceitos e comportamentos da criança em relação à sexualidade; já que veicula propagandas, filmes, novelas, entre outros programas, com conteúdo bastante sexual e tantas vezes explícito, nada adequado a tal faixa etária. Apesar de possuir muitos programas culturais, que informam e educam, as mídias podem reforçar preconceitos para a educação de crianças e adolescentes.

Se a família não discute e conversa sobre sexualidade, como e onde o aluno procurará aprender? Na internet, onde ele não precisa se expor para tirar suas dúvidas. Todos nós fazemos o uso de sites de pesquisa na internet para tirarmos nossas dúvidas: seja o nome de um artista ou a tentativa de “consulta médica” a partir de sintomas sentidos. A internet é “professora”, “médica”, “advogada” e qualquer profissão que possamos pensar, pois é o local onde encontramos as mais variadas informações, que estão disponíveis 24 horas por dia para todos os que têm acesso, sem precisarmos sair de casa, muitas vezes; mas essas informações nem sempre são confiáveis, e é aí que entra o papel da escola.

Há necessidade de diálogos relacionados dentro, também, da escola e sala de aula, já que as questões recorrentes sobre a sexualidade não estão apenas na roda de amigos, nos bares, na família, nos programas de rádio e televisão e na internet, elas estão também dentro das escolas, pois:

“fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes.” (LOURO, 1997, p. 131),

A escola deve ter esse importante papel de estimular a “reflexão dos jovens a partir da problematização e debate das diversas temáticas atuais da sexualidade.” (PCN, 1997, pg. 287), para que eles mesmos possam criar suas opiniões a partir de conceitos seguros que a escola disponibiliza; e não só de acordo com a opinião de seus responsáveis e familiares, muito menos com quaisquer informações da mídia ou internet.

No site do IBGE, pesquisa “Fecundidade no Brasil” de outubro de 2012, nos mostra que nos últimos dez anos, no Brasil, o número de filhos que uma mulher tem durante a vida diminuiu e que quanto maior o nível de instrução, menor o número de filhos que elas optam por ter:

“Os dados do Censo 2010 revelam que a taxa de fecundidade feminina baixou de 2,38 em 2000 para 1,90 em 2010. As mulheres sem instrução ou ensino fundamental incompleto têm cerca de 3 filhos. Bem diferente das que têm ensino superior completo, cuja taxa de fecundidade é 1,1 filho. E se a mulher tem alto nível de instrução, ela engravida mais tarde. As mulheres com ensino superior completo têm seus filhos, em média, 5,5 anos depois do que as sem instrução e com ensino fundamental incompleto” (IBGE, 2012).

A partir dessas pesquisas vemos o quanto uma educação e instrução apropriadas ao contexto sociocultural ao qual os alunos estão inseridos, são importantes para a vida dos cidadãos em nossa sociedade. Em relação à orientação sexual e sua discussão nas escolas,

pode-se diminuir o preconceito sexual e os tabus relacionados à sexualidade, orientar as crianças e adolescentes em relação a abusos e outros crimes sexuais, protegê-los em relação às doenças sexualmente transmissíveis, e até ajuda-los quanto aos seus problemas relacionados à afetividade, entre tantas outras problemáticas referentes ao tema, fazendo com que eles entendam que a sexualidade é algo natural e que os seres humanos possuem desejos e prazeres. Uma adequada orientação a esses jovens educandos só tem a adicionar em suas vidas e em seu cotidiano e deve ser pensado como ponto fundamental para uma educação de qualidade.

Em 1905, no trabalho *Três ensaios sobre a sexualidade* Freud afirma a existência de uma sexualidade infantil, ou seja, “que o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem supressão progressiva” (1905, p.106) e ainda o preconceito e descaso que há em relação desta sexualidade.

Em relação às tais inibições sexuais, Freud afirma que algumas forças anímicas “surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de dique (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais).” (1905, p.106). A educação tem grande importância na construção desses diques, apesar de não ser fundamental; pois esse desenvolvimento é fixado pela hereditariedade, enquanto a educação ajuda a moldá-los.

Mas a sexualidade infantil não é como a sexualidade adulta, a sexualidade das crianças não está relacionada apenas aos órgãos genitais e à relação sexual, mas sim à curiosidade com o sexo. Tal pulsão sexual satisfaz-se no próprio corpo, sendo denominada de auto erótica. O desenvolvimento psicosexual passa, segundo Freud, pelas cinco fases: fase oral, fase anal, fase fálica, o período de latência, e a fase genital; e as manifestações sexuais são aspectos naturais desse desenvolvimento.

A primeira fase, ou fase oral, abrange os bebês até aproximadamente 1 ano de idade e é marcada pelo chuchar, ou seja, repetição rítmica de sucção com os lábios, a primeira zona erógena, que “trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (FREUD, 1905, p.109). A fase oral aparece logo na amamentação, quando a criança sente satisfação pela alimentação, e pode perdurar por toda a vida. Depois dos seios da mãe, o bebê pode realizar chuchar no próprio lábio, na língua, dedão do pé, ou qualquer outra parte do próprio corpo, algo que seria mais cômodo e independente. Tal chuchar leva muitas vezes ao adormecimento ou a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Muitas vezes, as crianças combinam o chuchar com a

fricção de alguma parte sensível do seu corpo, como seios ou genital, levando-a do chuchar à masturbação.

Por volta dos 2 ou 3 anos, na fase anal, esse sugar será substituído por outra ação muscular, desta vez, na zona anal, relacionado com o controle dos esfíncteres de reter e expelir; provocando sensações sexuais e sensações dolorosas. A retenção da massa fecal tem como primeiro objetivo a estimulação da zona anal, mas pode ser praticada na relação com as pessoas que cuidam dessa criança.

A fase fálica se apresenta dos 3 aos 5 anos de idade. As zonas erógenas dessa terceira fase do desenvolvimento psicosssexual, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, estão ligadas à micção e então, à glândula e ao clitóris, os órgãos sexuais propriamente ditos, tendo início a vida sexual. Inicialmente, a criança imagina que todas elas possuem um pênis. Ao perceberem as diferenças anatômicas entre o sexo masculino e feminino, começam a acreditar que as meninas não possuem um pênis porque lhe foi arrancado – complexo de castração. Neste momento, as meninas tem medo de perder o seu pênis. É quando surge o complexo de Édipo, no qual o menino sente atração pela mãe e ódio pelo pai; na menina, há apenas a inversão dos papéis, onde o pai seria o objeto de desejo. Freud afirma ainda, que grande parte da personalidade de uma pessoa se forma durante esses três primeiros estágios psicosssexuais, quando são estabelecidos mecanismos do ego para lidar com tais impulsos libidinais.

O período de latência, que começa aos 5 anos e continua até a puberdade é considerado um período de pouca tensão libidinal, pois tais pulsões sexuais tem deslocamento para atividades sociais e escolares.

A última fase, a fase genital, começa a partir da puberdade, quando os impulsos sexuais retornam e o adolescente começa a buscar um novo objeto de desejo, que desta vez, não está mais no próprio corpo, mas num objeto externo, no outro. Nessa fase, os meninos e meninas se tornam conscientes das identidades sexuais distintas e começam a buscar formar de satisfação de suas pulsões sexuais. É nesta fase que ocorre a substituição da identidade infantil por uma identidade adulta.

Percebe-se, então, a importância do corpo em todas as fases do desenvolvimento psicosssexual. A partir disto, será que a escola da sociedade atual respeita esse corpo, as energias e pulsões das crianças? Nós, pedagogos, aprendemos durante o curso de pedagogia, e muitas vezes no dia-a-dia quando convivemos com crianças, que uma das melhores formas de lidar com as pulsões infantis é desviar a energia das crianças para outras finalidades, para outras metas. A este processo, Freud denomina de sublimação.

Por estas questões, pesquisei sobre como nós, pedagogos e professores, como também as instituições escolares, lidamos com essa sexualidade infantil, com o corpo, suas energias, pulsões, sua libido e as manifestações, mais de um século depois de Freud já a ter descoberto em seus estudos.

Há a “necessidade de repensar as práticas escolares sob novas perspectivas, visando desconstruir concepções naturalizadas; incorporar a diferença (como valor) em torno da vivência da(s) sexualidade(s) e avançar das políticas de tolerância para uma política da diferença na qual a concepção do que é ser humano esteja sempre em aberto” (BRAGA, 2010, pg. 12). Nossos futuros cidadãos necessitam ter consciência de que a diferença é algo genuíno do ser humano e precisamos ir além da tolerância, precisamos entender e aceitar, por exemplo, em relação ao gênero: ser homossexual é tão natural quanto ser heterossexual, assim como bissexual ou assexual; não é porque uma pessoa é diferente, que ela merece ser menos respeitada.

4 METODOLOGIA

4.1 Objetivos Gerais

1) Verificar, em uma creche particular, sediada na zona norte do município do Rio de Janeiro, a postura de professores e funcionários diante das crianças, não só em relação ao conteúdo e ao diálogo aberto nas questões da sexualidade, como também para suas reações e atitudes para com as situações adversas relacionadas à temática.

4.2 Objetivos Específicos

A partir de observações feitas na escola de educação infantil que possua alunos de 3 (três) anos: 1) analisar as falas e atitudes dos professores e funcionários em relação à explicação, orientação e diálogo aberto sobre a temática da sexualidade perante às crianças; 2) observar crianças de 3 (três) anos no seu dia-a-dia dentro da escola; 3) verificar se tais práticas atuais estão esclarecendo e ajudando a consciência e responsabilidade relativas ao afeto e sexualidade desses futuros adultos.

4.3 Investigação Etnográfica

4.3.1 A escola

A concretização das questões supracitadas neste projeto de monografia foi realizada através de uma investigação etnográfica, a partir de observações participativas periféricas e entrevistas etnográficas não estruturadas em creches, na educação infantil, com crianças de 3 (três) anos. A idade foi escolhida porque, de acordo com Freud (1905) “a vida sexual da criança costuma expressar-se numa forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de idade”, na fase que ele mesmo denomina de fase fálica.

A instituição foi escolhida pelo parentesco com uma das diretoras e por ter sido uma das primeiras alunas da escola, possibilitando um grande acesso à escola e ao ensino, pelo contato e afinidade com grande parte dos funcionários. Trata-se de uma escola particular de educação infantil, chamada primeiramente de Pipila (do grego, chupeta) e mais atualmente alterada para Sociedade Educacional da Pipila (ou SEPI). As diretoras explicaram que de início, a creche objetivava abranger bebês e crianças bem pequenas; quando as crianças começaram a crescer e a continuar na escola, que ganhou novas turmas, as diretoras acharam que Pipila estava ficando muito infantil e alteraram para SEPI.

A escola está localizada na Rua Dona Delfina, nº149, no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, fundada há 25 anos. Possui as 8 (oito) turmas: Berçário 1, para bebês com menos de 1 (um) ano; Berçário 2, para 1 ano; duas turmas de Mini Maternal, de 2 anos; duas turmas de Maternal, 3 anos; Pré 1, para os alunos de 4 anos; e Pré 2, de 5 até 6 anos. Atualmente, há 107 (cento e sete) alunos matriculados, sendo dois alunos com necessidades especiais. A escola funciona no horário de 7:00am às 19:00pm, de segunda-feira e sexta-feira, e os alunos podem optar por frequentar o turno da manhã, tarde ou integral.

A escola possui 2 diretoras, 9 (nove) professoras, 4 berçaristas, 26 (vinte e seis) auxiliares, nutricionista, cozinheira e ajudante de cozinha, como também nutricionista, orientadora pedagógica e psicóloga. Em todas as turmas, além da professora, há também auxiliares, que podem ser 2 ou 3, dependendo do número de crianças.

A alimentação das crianças é bem equilibrada, feita pela nutricionista. São 4 refeições: lanche pela manhã, almoço, lanche da tarde e jantar. Sabe-se que às vezes, alguns alunos possuem alergia, ou alguma orientação médica para não ingestão de certos alimentos; a nutricionista altera as refeições de cada aluno, substituindo tais alimentos por outros igualmente nutritivos. Nem todos os alunos fazem todas as refeições, isso dependerá do período de horas que permanecem na creche: no período de 4 a 6 horas, a criança faz um lanche e um refeição; de 7 a 8 horas, um lanche e duas refeições ou dois lanches e uma refeição, dependendo do horário de entrada e saída; e finalmente, os alunos que ficam em horário integral, no período de 12 horas, fazem todas as 4 refeições: dois lanches, almoço e jantar.

O espaço físico da escola não é grande, mas bem distribuído em dois andares. Logo na entrada, há a secretaria, onde estão as diretoras e fundadoras Glória Maria e Silva Ferreira e Cláudia Siniscalchi.

Há dois pátios separados, um à esquerda e outro à direita da diretoria. Os pátios são amplos e possuem brinquedos, tudo elaborado com todos os cuidados para os pequenos. Um

dos pátios possui grama sintética e é aberto; enquanto o outro é emborrachado e coberto.

Atrás do pátio à direita, há uma primeira sala de aula. Ainda no primeiro andar, existem 4 (quatro) salas de aula, dois banheiro adaptado para as crianças, cozinha e refeitório/banheiro para os funcionários.

Subindo a escada, que sempre está com as portinholas fechadas, do seu início ao fim, e trancada para proteção das crianças, chegamos ao segundo andar. Neste, encontramos mais 6 salas e 1 banheiro, também adaptado para os pequenos.

As salas são formuladas de acordo com a turma: no berçário 1, a sala dos bebês é de piso acolchoado, com muitos brinquedos direcionados para a idade, pela sala, travesseiros e chupetas; nas turmas berçário 2 e mini maternal, até no máximo 2 anos, usa-se aquelas mesas de parquinho para 4 crianças, os pisos já não são emborrachados e há alguma autonomia por parte das crianças; no maternal e pré 1, que já são crianças de 2 até 3 anos, utiliza-se mesa de madeira para 4 crianças também; e no pré 2, que turmas de crianças maiores, de 4 para 5 anos, são mesas de madeira individuais, juntadas de 4 em 4 para as crianças sentarem juntas e fazerem as atividades.

Toda a escola foi formulada para as crianças, sendo emborrachada, com quinas arredondas e muitas portas para segurança. Os brinquedos e mobília também foram comprados com cuidado e atenção.

Por ser educação infantil, as turmas possuem apenas aula de música no currículo escolar. A SEPI também disponibiliza atividades extracurriculares, como: ballet, judô, capoeira e inglês.

Através do auxílio em atividades deste estabelecimento de ensino pretende-se observar as práticas desenvolvidas pelos docentes para com os discentes, no que tange a abordagem da temática sexualidade. Além disso, foram realizadas entrevistas sobre tais questões com professores e funcionários da escola.

4.3.2 A etnografia

A etnografia foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2013. Primeiramente, fui algumas vezes à escola conversar com as diretoras, psicopedagoga, e após algumas reuniões e decisão de qual turma observar, também conversei e apresentei minha proposta de pesquisa à professora e auxiliar da turma X. As entrevistas às diretoras, coordenadora e

professora foram gravadas e repassadas para um arquivo (anexos 1 e 2).

As observações foram realizadas no final do mês de novembro até meados de dezembro de 2013, com frequência de três vezes por semana, alterando os turnos da manhã e tarde, não só durante as atividades em sala, como também nos horários de entrada/saída dos alunos, recreio e refeições.

Através de entrevistas e depois durante minha observação considerei que a escola possui um diálogo bastante aberto com as crianças, como também com os pais. Quando há alguma situação, como as relacionadas à sexualidade das crianças, as diretoras, professoras, orientadora pedagógica e psicóloga se reúnem com os pais para tentar resolver de maneira tranquila, mas sem ferir princípios das famílias. Algumas vezes, são os pais que solicitam reuniões para resolver algumas questões e normalmente concordam com o posicionamento da escola.

Uma questão interessante a ser abordada é a da nomenclatura dos genitais das crianças. Aprendemos durante o curso que não há problemas em usar os termos científicos: vagina e pênis; e que não é pedagógico para o desenvolvimento dos pequenos, ficarmos usando outros termos como “perereca”, “pinto” ou ainda “borboletinha”. Não adianta bloquearmos essas palavras na frente das crianças, pois estaremos apenas tendo preconceito e tabus e uma hora teremos que explicar a elas o que são; não há porquê esconder algo simples e científico e que não as prejudicará.

Em entrevista com as diretoras, descobri que na SEPI, elas preferem utilizar a nomenclatura que os pais ou responsáveis usam em casa, para que não haja problemas, mas estão sempre explicando a eles tudo que aprendemos durante nosso curso de pedagogia, mas respeitando os limites. (procurar fundamentar) Apesar de não ser exatamente a forma como aprendemos a lidar com a situação, penso que não há problemas nessa metodologia optada pela escola. Desde que a criança saiba que não há preconceitos em quaisquer nomenclaturas usadas, não importará se sua família e responsáveis preferirem usar “perereca” à “vagina”, por acharem mais apropriado à criança.

Observei a única turma de Pré 1. A turma observada possui 11 alunos, sendo 6 meninas e 5 meninos; no final do período de observações todos já haviam completado os 3 (três) anos de idade. Como fiz a observação em períodos alternados, conheci todos os alunos, porém, os períodos deles se diferenciam, alguns ficam pela manhã, outros pela tarde e poucos no horário integral.

A professora Araceli tem um ótimo relacionamento com os alunos e também com a auxiliar da turma, Aline. A convivência de Aline com os alunos também é bastante positiva.

Além disso, verifiquei um relacionamento de parceria e ajuda entre todos os funcionários dentro da escola. Os alunos também convivem muito bem, a maioria demonstra maior e menor empatia por certos colegas de turma, e às vezes brigam, mas logo se entendem. A turma por si é calma e não presenciei muitos conflitos.

A professora Araceli afirmou durante sua entrevista e em algumas conversas que “Em relação à sexualidade, tento sempre esclarecer as questões na medida em que elas vão surgindo (...) Quando as crianças se masturbam, ou fazem algum ato relacionado à sua sexualidade, eu tento desviar a atenção para alguma atividade, ou algum brinquedo, livro, essas coisas.” Tal discurso pode ser confirmado na observação, pois percebi quando há situações de manifestações sexuais, as professoras e outros funcionários tendem a agir da forma que Freud (1905) denominada de sublimação, mudando o foco da atenção, com o objetivo de distrair as crianças, sem reprimi-las ou dizendo que tal ato é proibido. Agem assim, pois sabem que quando a criança é tolhida ou impedida da ação, tende a repeti-la com mais frequência.

A professora e diretoras também afirmaram não haver, durante este ano, muitos casos de crianças com manifestações relacionadas à sexualidade de forma mais intensa do que o normal; o que também foi confirmado durante a observação, já que presenciei apenas um menino manipulando a genitália, outros querendo expor o próprio pênis – em relação aos meninos – ou querendo ver e tocar nos genitais dos colegas, além dos carinhos e beijos infantis.

Em relação aos beijos, que eram sempre específicos de dois alunos, os mais agitados da turma, percebi que a professora e auxiliar tratavam com grande naturalidade, não os estimulando, mas também não os reprimindo. Não sabemos se pelo fato de eu estar inserida naquele meio pesquisando, elas podem ter mudado um pouco as atitudes, mas durante as três semanas, elas pareceram agir normalmente, como se eu não estivesse as observando. Ainda acredito não haver repressão da parte delas, com base na atitude desse casal de alunos, apesar de não ser constante, pois presenciei tal situação apenas umas 3 (três vezes) durante a pesquisa, se beijavam na frente de todos, sem se esconderem; já que sabemos que quando as crianças se escondem para praticar algo, elas já perceberam que é errado a partir de uma bronca ou através de outra forma de contenção.

Durante as semanas que estive na creche, durante o verão, estive muito calor e diversas vezes as crianças foram para o pátio se refrescar. Constatei, então, que quando há brincadeiras com água no pátio, as crianças necessitam trocar de roupa para poderem se molhar, ou ainda quando tomam banho na escola e vão trocar de roupa, percebi que muitos

deles se olham, riem uns dos outros, brincam com a situação de estar nu e algumas vezes querem mexer nos genitais dos amigos. Esse é um momento em que as professoras, auxiliares e quem estiver com eles se utilizam de frases como “não pode mexer no do amigo, não”, “mexe no seu” ou “cada um tem o seu” deixando claro que cada criança tem o seu e explicam que não se pode pegar no da outra criança. Quando questionadas, explicam que todos são diferente dos amigos, assim como outras partes do corpo. A professora explicou-me que apesar de ser uma curiosidade das crianças, alguns pais não entenderiam se o filho chegasse em casa dizendo que o colega pegou no seu pênis e causaria um problema maior, tanto para a criança, como para a escola; e por isso, elas tratam o assunto da forma mais natural possível, mas não deixam que uma criança toque na outra.

Há alguns grupos já formados na turma e geralmente é com as meninas, ou duas ou três amigas que são mais amorosas e demonstram maior afetividade entre elas. Em relação à turma no geral, vejo um carinho dos alunos para com os colegas quando se machucam ou estão tristes, fora essas situações, eles não se abraçam, nem são extremamente carinhosos uns com os outros.

Já a afetividade com professora e auxiliar é de costume quando não conseguem fazer algo, quando se sentem frustrados ou ainda quando se machucam; a primeira reação a qualquer uma dessas condições, correm direto a quem mais confiam, pedindo abraço, beijo e colo.

Não percebi nenhum questionamento dos alunos em relação à temática, portanto não poderei verificar como as professoras lidariam com o questionamento em si.

5 ANÁLISE FINAL

Baseando a pesquisa etnográfica em estudos sobre sexualidade, pulsões, energia, Freud e outros autores, iniciei minha observação etnográfica com uma boa base de conhecimentos. Verifiquei em relação às atitudes e reações à temática da sexualidade, a partir das entrevistas, conversas e observações, que nesta escola de educação infantil do bairro da Tijuca no Rio de Janeiro, as professoras, diretoras e a escola no geral lidam bem com a sexualidade e afetividade das crianças. Depoimentos como os das diretoras, onde afirmam que “A escola se posiciona de forma esclarecedora, tanto para os alunos, quanto para os pais. De forma alguma nos omitimos em relação a assuntos que sejam para o bom desenvolvimento do indivíduo.” ou da professora do pré 1, quando diz que “Procuro sempre fazer da forma correta, sem uso de artifícios ou personagens.” evidenciam bem isso. As crianças não me pareceram, em momento algum, reprimidas ou repreendidas de expressar sua libido.

Em muitas situações, percebi as professoras exercendo o que Freud denomina de sublimação: frente aos casos adversos, não se reprime, nem estimula a criança, apenas tenta-se alterar o foco de suas energias. Verifiquei que é a melhor atitude a ser tomada, mas o melhor a fazermos é criarmos dentro escola, uma metodologia com o objetivo de evitar essas situações de excesso de pulsão das crianças. Para isso, é necessário deixa-las liberar suas energias, o que Reich denomina como processo de autorregulação; e não devemos bloquear e tentar domar essa energia, como muitas escolas fazem no contexto atual, definido como processo de encouraçamento. De acordo com o princípio energético reichiano, o homem é um ser energético, pois é a energia que torna a nossa existência possível; e se “os educadores compreendessem questões referentes à condição energética do homem e seus aspectos neurobiológicos, mudaríamos a forma de pensar e fazer a educação” (MOTA; CAMPOS, 2010, p.268).

Infelizmente, sabemos que não é assim em todas as escolas: muitas são aprisionadoras e tentam realmente encourçar as energias e o corpo dos alunos, obrigando-os desde a infância a estarem sentados em suas cadeiras, com a postura reta, sendo sempre obedientes, sem se mexerem, não permitindo que se exercitem, tenham contato com a natureza, brinquem e se movimentem, o que os torna tensos e cheios de energia bloqueada. Essa escola aprisionadora é uma contradição, já que sabemos que os objetivo e função iniciais quando se pensava a criação das escolas era de ser um lugar para as crianças pensarem, “perdendo” o tempo estudando, lendo e pensando, estimulando seu entendimento e criando novas ideias.

Além disso, as escolas possuem os tabus e preconceitos da nossa sociedade em relação não só ao tema abordado na pesquisa, mas a muitos outros aspectos, o que é prejudicial para esses futuros cidadãos, que poderão ter problemas com seu próprio corpo e sua sexualidade e, além disso, reproduzirão tais preconceitos sobre algo tão natural.

REFERÊNCIAS

BRAGA, D. da S. Vidas na fronteira – corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a normalidade do sexo. Anais da 33ª Reunião anual da ANPED. 17 a 20 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6128--Int.pdf>. Acesso em: 13/03/2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais, orientação sexual**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 30/01/2013.

CÉSAR, M. R. de A. Governando corpos e sexualidades na escola. Anais da 33ª Reunião anual da ANPED. 17 a 20 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6363--Int.pdf>. Acesso em: 13/03/2013.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. 1905.

IBGE. **Fecundidade no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen>. Acesso em: 20/02/2013.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 18/02/2013.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 18/02/2013.

LOURO, G. L., **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOTA, Maria Veranilda S. e CAMPOS, Júlio Cesar C. A energia corporal ressignificando as relações pedagógicas: lições de Reich para a educação. In: DAMIANO, G., PEREIRA, L. H. e OLIVEIRA, W. (org.). Corporeidade e Educação: Tecendo sentidos. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. 1975. Disponível em: <http://www.who.int/en/>. Acesso em: 12/03/2013.

SILVA, E. P. de Q. **Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula.** Anais da 35ª Reunião anual da ANPEd. 21 a 24 de outubro de 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2332_int.pdf. Acesso em: 13/03/2013.

ANEXO 1 - ENTREVISTA COM AS DIRETORAS GLÓRIA FERREIRA E CLÁUDIA SINISCALCHI

- POR QUE A ALTERAÇÃO DE PIPILA PARA SEPI?

Diretoras: Quando abrimos a creche, a intenção era abranger bebês e crianças bem pequenas e escolhemos a palavra Pipila, que quer dizer chupeta na língua grega, pois achamos muito apropriado o nome, por esta razão acabamos escolhendo. SEPI – Sociedade Educacional Pipila veio depois, quando as crianças foram crescendo e permanecendo na escola; e como Pipila era muito infantil, passamos para SEPI.

- QUANTAS TURMAS A SEPI POSSUI? HÁ ALGUMA “SÉRIE” COM MAIS DE UMA TURMA?

D: Temos, seguindo por ordem de idade: Berçário 1, para os bebês até 6 meses; Berçário 2, de 6 meses a 1 ano de idade; Mini Maternal para 1 aninho; Maternal, 2 anos; Pré 1, 3 anos e Pré 2, para as crianças maiores de 4 anos. Temos 2 turmas de Mini Maternal e Maternal.

- QUANTOS ALUNOS NO TOTAL? ALGUM ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS?

D: São 107 alunos e 2 com necessidades especiais.

- COMO É A ORGANIZAÇÃO DA EQUIPE? VOCÊS SÃO AS DIRETORAS E HÁ COORDENADORAS, PSICÓLOGAS, PEDAGOGAS? QUANTAS PROFESSORAS E AUXILIARES NO TOTAL?

D: Somos nós duas na diretoria, trabalham conosco uma psicóloga, uma orientadora pedagógica e uma nutricionista. São 9 (nove) professoras, 26 (vinte e seis) auxiliares e 4 berçaristas. Além dessas funcionárias, temos também uma cozinheira e uma ajudante de cozinha.

- E CADA TURMA POSSUI APENAS 1 PROFESSORA? QUANTAS AUXILIARES POR TURMA?

D: Cada turma tem só uma professora mesmo. E todas as turmas tem 2 auxiliares, mas algumas turmas tem 3 auxiliares, depende da quantidade de crianças.

- EXISTE UM CURRÍCULO PARA ALGUMA TURMA? ALGUMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR?

D: Como só trabalhamos com educação infantil, eles não tem currículo, não. Aliás, só aula de música. Atividade extracurricular temos o Ballet, Judô, Capoeira e Inglês.

- VOCÊS DISSERAM QUE POSSUEM UMA NUTRICIONISTA. COMO FUNCIONA A ALIMENTAÇÃO DOS ALUNOS? TODOS FAZEM TODAS AS REFEIÇÕES?

D: A nutricionista faz um cardápio balanceado de acordo com a faixa etária. O cardápio tem dois lanches, o almoço e o jantar. Nem todos fazem todas as refeições, depende do horário de permanência na creche. Funciona assim: os alunos que ficam no período de 4 a 6 horas por dia, fazem 1 lanche e 1 refeição, que pode ser almoço ou janta, dependendo do horário; se ficar de 7 a 8 horas, eles podem fazer ou 1 lanche e 2 refeições ou 2 lanches e 1 refeição, também vai depender do horário; já os alunos que ficam em horário integral, de 12 horas, fazem todas as refeições: lanches, almoço e janta.

- EM RELAÇÃO AOS ALUNOS, ELES POSSUEM LIBERDADE NA ESCOLA? COMO VOCÊS LIDAM COM A AUTONOMIA DA CRIANÇA?

D: Dependendo da idade, do momento ou da atividade, as crianças na maioria das vezes tem liberdade para se expressar e fazer as atividades. A turma do pré 2 tem mais autonomia para ir ao banheiro, ou ir beber água do que a turma do maternal, já que são mais velhos.

- COMO FUNCIONA O HORÁRIO DE RECREIO: TODOS OS DIAS? QUANTO TEMPO POR DIA? AS CRIANÇAS TEM ALGUM CONTATO COM A NATUREZA (ÁGUA, AREIA, SOL)?

D: Então, nós temos esses dois pátios: um com grama sintética, que é aberto e o outro com piso emborrachado que é coberto. Normalmente, cada turma fica meia hora na parte da manhã e meia hora na parte da tarde, todos os dias. Quando não chove, as turmas podem ficar mais tempo nos pátios, pois podemos dividir as turmas entre os dois pátios; mas quando chove, só podemos usar o pátio coberto. No verão, quando está muito calor, eles tomam banho de mangueira e brincam com água para refrescar. E também eles pegam sol todos os dias, nos horários apropriados, claro.

- VOCÊS SABEM QUE MINHA MONOGRAFIA ABRANGE A QUESTÃO DA SEXUALIDADE. COMO A ESCOLA SE POSICIONA EM RELAÇÃO À TEMÁTICA?

D: A escola se posiciona de forma esclarecedora, tanto para os alunos, quanto para os pais. De forma alguma nos omitimos em relação a assuntos que sejam para o bom desenvolvimento do indivíduo.

- E COMO OS PAIS NORMALMENTE SE POSICIONAM?

D: A maioria dos pais solicita o auxílio para resolver algumas questões relacionadas a essa temática, e normalmente concordam com o posicionamento da escola.

- EM RELAÇÃO À NOMENCLATURA DOS GENITAIS, QUAL A ESCOLA OPTOU POR USAR? OU FICA A CRITÉRIO DAS PROFESSORAS?

D: Nós usamos os termos científicos: vagina e pênis, mas optamos também por usar os termos que a criança já ouve dentro de casa, como perereca, pepeca, pinto, piru, entre outros. Explicamos a elas que todos os termos significam a mesma coisa e que cada um chama a sua genitália do jeito que preferir, sem tabus.

ANEXO 2 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ARACELI, DO PRÉ 1**- PROFESSORA ARACELI, QUAL SUA FORMAÇÃO E HÁ QUANTO TEMPO EXERCE O MAGISTÉRIO?**

P: Sou formada em Pedagogia há 3 (três) anos e dou aula desde 2006.

- EM QUAL TURMA VOCÊ DA AULA? QUANTOS ALUNOS SÃO NO TOTAL (MENINOS E MENINAS)? A TURMA POSSUI ALGUM ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS?

P: Eu dou aula pro Pré 1, que são alunos de 3 anos. São 11 alunos, 6 meninas e 5 meninos e na turma não tem nenhum aluno com necessidades especiais.

- COMO VOCÊ LIDA COM AS QUESTÕES QUE SURGEM RELACIONADAS À SEXUALIDADE? TANTO EM RELAÇÃO AO DIÁLOGO, QUANTO ÀS MANIFESTAÇÕES DOS ALUNOS.

P: Em relação à sexualidade, tento sempre esclarecer as questões na medida em que elas vão surgindo e sempre respondendo apenas aquilo que a criança me pergunta. Procuo sempre fazer da forma correta, sem uso de artifícios ou personagens. Quando as crianças se masturbam, ou fazem algum ato relacionado à sua sexualidade, eu tento desviar a atenção para alguma atividade, ou algum brinquedo, livro, essas coisas. Mas quando começa a ocorrer com frequência, o assunto chega à diretoria, à psicóloga e à orientadora, para conversarmos com os pais. Felizmente, nesse ano não tivemos nenhuma criança que tenha chegado a extremos a ponto de termos que ter reuniões para resolver, mas já tivemos alguns casos aqui na creche.

- HÁ ALGUM ALUNO DA TURMA DO PRÉ 1 COM ALGUMA QUESTÃO A SER OBSERVADA, RELACIONADA À TEMÁTICA?

P: Durante esse ano não tivemos nenhum caso extremo, está tudo bem tranquilo. Mas já tivemos na escola, alguns casos. Por exemplo, de uma menina que se masturbava com muita frequência e durante muito tempo; ela chegava a pingar de suor. Nesse caso, tivemos que interferir.

- COMO É A AFETIVIDADE ENTRE OS ALUNOS E COM AS PROFESSORAS E OUTROS FUNCIONÁRIOS DA CRECHE?

P: Não percebo um excesso de afetividade entre os alunos. Às vezes eles se consolam, quando algum deles se machuca, ou chora por algum motivo; também se abraçam quando estão felizes e querem expressar esse sentimento. Eles (os alunos) são bem carinhosos comigo e com a auxiliar, e também com todas as outras professoras e também com as diretoras. Normalmente, quando se machucam, ou se sentem tristes, chateados, frustrados ou até quando estão cansados e com sono, tendem a nos procurar e pedir colo, carinho, beijo, abraço, enfim, afeto.